

## A lacuna como elemento: uma análise visual do Álbum Branco<sup>1</sup>

Pedro S. da COSTA<sup>2</sup>

Cecília E. Costa OLIVEIRA<sup>3</sup>

Ricardo Jorge de Lucena LUCAS<sup>4</sup>

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### Resumo

Ao se dispor a analisar o Álbum Branco (uma coletânea compilada pela e disponível exclusivamente para download na Musicoteca) à sombra das perspectivas peircianas, de acordo com os estudos de Santaella, o artigo configura um exercício do pensar semiótico: o objeto de investigação, que chama atenção por seu modo diferenciado de se apresentar – sua falta de metassignos – suscita o levante de referências, passando, por exemplo, pela obra de Kazimir Malevich. Este trabalho busca uma reflexão sobre o uso da lacuna visual como elemento através da análise dos efeitos e interpretantes do álbum, levando-se em conta seus aspectos abstratos, indiciais e simbólicos.

**Palavras-chave:** análise semiótica; álbum de música; Charles Pierce; suprematismo;

### Introdução

Até o final do século XIX, consumir música significava estar em uma apresentação ao vivo: não havia a vindoura tecnologia viável para a gravação e a comercialização dessa mídia. A partir da criação desses dispositivos, a evolução do suporte de músicas sempre buscou a eliminação do ruído e, conseqüentemente, a alta fidelidade do som, resultando numa constante mudança nos modos de consumo musical.

Em 1877, com a invenção do fonógrafo, deu-se início no desenvolvimento da indústria de produção musical. A partir disso, surgiram outras "invenções" que cada vez mais facilitavam a reprodução da música. Em 1887, surgiu o Gramofone; o disco de vinil, também chamado de LP (Long Play), surge em 1948, como uma revolução da tecnologia do armazenamento de músicas; dez anos depois, é lançado o primeiro cartucho 8-track, responsável por gravar conteúdos sonoros em fitas magnéticas e, em 63, há uma evolução desses cartuchos, com a chegada das fitas cassete, estas com a vantagem de serem menores;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante do 7º Semestre do Curso de graduação em Publicidade e Propaganda da UFC, email: [pedrosavir@gmail.com](mailto:pedrosavir@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do 7º Semestre do Curso de graduação em Publicidade e Propaganda da UFC, email: [oliveira.ceciliaec@gmail.com](mailto:oliveira.ceciliaec@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, email: [ricardo.jorge@gmail.com](mailto:ricardo.jorge@gmail.com)

Já em 1979 é criada a tecnologia do compact disc (CD), que renderia uma era de muitos lucros para a indústria fonográfica, passando a ser comercializada em 82. Esse avanço da tecnologia digital conferiu ao suporte físico mais resistência, durabilidade e melhor qualidade. Com o passar do tempo e o desenvolvimento da tecnologia digital, entretanto, surgiram novas formas de comprimir digitalmente, permitindo atingir novos horizontes no sentido do consumo de música de forma portátil. É em 1998 que o MP3 (Moving Pictures Experts Group – MPEG-1 layer-3, formato digital de som) surge como uma maneira revolucionária na forma de armazenar e ouvir música, contando com a vantagem de ser facilmente transportada e ter uma vida útil mais longa em comparação com outras mídias. Com o advento da Internet e sua disseminação, Nakano enuncia que:

Se entre as décadas de 1980 e 1990 as tecnologias digitais tiveram impacto principalmente sobre os processos de produção, seja de matrizes como dos suportes, o uso da internet vem modificando as atividades de distribuição na cadeia produtiva da música. Embora a conversão do sinal sonoro analógico para digital fosse utilizada comercialmente nos CDs desde a década de 1980, a sua transmissão pela internet permaneceu impraticável por algum tempo pelo tamanho dos arquivos sonoros e as velocidades de transmissão disponíveis. O desenvolvimento de técnicas de compactação de arquivos sonoros digitais (formatos como o MP3, OGG, WMA entre outros) e a oferta e popularização dos acessos à internet de alta velocidade tornaram possível a distribuição de música por meio da rede mundial, que foi impulsionada ainda pela criação das redes P2P<sup>5</sup>. (NAKANO, 2010.)

Se por um lado a Internet é julgada severamente por favorecer a pirataria, por outro ela é uma das formas mais democráticas e baratas de disseminação cultural, indo ao encontro da mudança de perfil de consumo dos jovens. Atualmente, há uma crescente queda nas vendas dos suportes físicos e a Internet (seja através dos serviços de streaming ou da compra de formatos digitais) é cada vez a maneira mais utilizada para se consumir música<sup>6</sup>.

Não apenas para o consumo, porém, mas também para a disseminação, de modo especialmente relevante àqueles artistas que não possuem contratos milionários com grandes gravadoras, tendo seus discos gravados de forma independente.

Neste cenário, existem sites direcionados para a difusão de novas músicas e artistas, como é o caso do site Musicoteca<sup>7</sup>, emissor do objeto em análise neste artigo e que será mais bem detalhado no percorrer deste trabalho.

---

<sup>5</sup> P2P (do inglês *peer-to-peer*, que significa par-a-par) é um formato da rede de computadores cujo principal objetivo é a transmissão de arquivos e seu surgimento possibilitou o compartilhamento em massa de músicas e filmes.

<sup>6</sup> "Faturamento de serviços de streaming supera vendas físicas de CDS nos EUA". Acesso em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/03/23/interna\\_diversao\\_arte,476574/faturamento-de-servicos-de-streaming-supera-vendas-fisicas-de-cds-nos-eua.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2015/03/23/interna_diversao_arte,476574/faturamento-de-servicos-de-streaming-supera-vendas-fisicas-de-cds-nos-eua.shtml)>

<sup>7</sup> Acesso em: <[www.amusicoteca.com.br](http://www.amusicoteca.com.br)>

## **Metodologia de análise**

Este trabalho tem como base os estudos de Santaella, que tem como alicerce os conceitos desenvolvidos por Peirce. Mais precisamente, o ramo da semiótica que guiará este artigo é o da gramática especulativa. Esta é o “estudo de todos os tipos de signos e formas de pensamento que eles possibilitam” (Santaella, 2002) e ela está na base dos outros dois ramos da semiótica (lógica crítica e retórica especulativa). Como afirma Santaella, “ela [gramática especulativa] é uma teoria geral de todas as espécies possíveis de signos, das suas propriedades e seus comportamentos, dos seus modos de significação, de denotação de informação e de interpretação”. (Santaella, 2002). A gramática especulativa atua com conceitos abstratos, entretanto ela contém elementos que permitem analisar, descrever e avaliar os processos existentes de todos os signos (verbais, não verbais e naturais).

Assim, pretende-se compreender a natureza do signo, os poderes de suas referências, as informações que são transmitidas, como os sistemas se estruturam, como são produzidos, emitidos e utilizados e os tipos de efeitos que podem provocar no receptor.

A gramática especulativa oferece definições e classificações para a análise de todos os tipos de signos e de tudo o que eles implicam: a representação e os três aspectos que ela abrange: a significação, a objetivação e a interpretação. Isso se resulta porque Peirce define que o signo possui uma natureza triádica e ele pode ser analisado: em si mesmo, no seu poder de significar; na sua referência àquilo que ele indica; e nos tipos de efeito que é capaz de produzir nos seus receptores.

Em síntese, trata-se de um percurso metodológico-analítico que promete dar conta das questões relativas às diferentes naturezas que as mensagens podem ter: verbal, imagética, sonora, incluindo suas misturas, palavra e imagem, ou imagem e som etc. pode dar conta também de seus modos como, no papel de receptores, percebemos, sentimos e entendemos as mensagens, enfim, como reagimos a elas. (Santaella, 2002).

## **Objeto de análise**

O objeto de análise escolhido é o “Álbum Branco Musicoteca 2013”. Este álbum é composto por treze músicas que, diferentemente de outros, não tem propriedades físicas, palpáveis, pois ele não está gravado em um CD ou vinil. Ele está disponível apenas na Internet.

Este álbum é uma das coletâneas especiais do site Musicoteca. Essas coletâneas são organizadas pelos colaboradores do site e tem como característica comum a variedade de artistas que compõem o mesmo álbum, tendo um conceito como guia para a escolha das músicas e dos artistas.

Foi lançado no dia 25 de janeiro de 2013, com a proposta, segundo o site, de reunir um pouco das novidades que apareceriam no site durante o supracitado ano de uma forma inusitada. A pretensão foi se voltar à música e à sensibilidade dos ouvintes, deixando a música exercer o papel de encantar apenas por ela mesma. Foi feito, então, um álbum sem o nome dos artistas, sem o nome das músicas, sem o número das faixas e sem o nome de seus autores.

Quando se têm acesso à página em que o álbum é disponibilizado, há uma diversidade de elementos que compõem o layout do site, que podem acabar intervindo na assimilação dos signos. Mas, para efeito desta análise, vamos considerar os dois elementos principais que compõem o álbum, que são a capa e as suas treze faixas.

É importante destacar que, quando o álbum é baixado no computador, as músicas são todas intituladas por “Branco” e se diferenciam uma das outras pela quantidade de zeros em frente ao nome (isso porque não é possível nomear mais de um arquivo com o mesmo nome). Além das músicas, também é feito o download da capa do álbum, além de três arquivos que são informações técnicas e não possuem maior relevância no recorte deste trabalho.

Abaixo se tem a capa da coletânea (esta não possui o efeito de sombra utilizado ao seu redor, que foi colocado para diferenciar a imagem do fundo branco) e como as músicas são organizadas quando é feito o download do álbum.

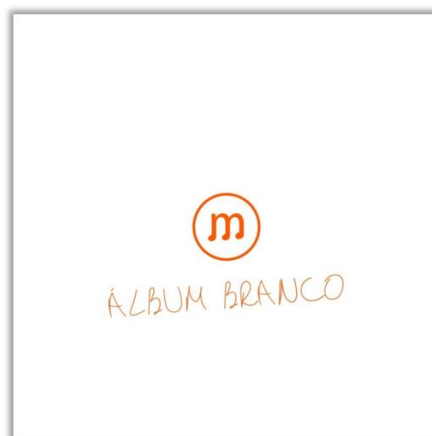


Figura 1: Capa Álbum Branco Musicoteca 2013.

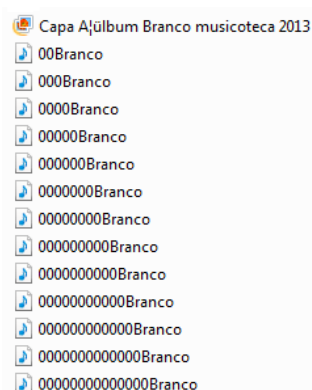


Figura 2: Sequência das treze músicas do Álbum Branco Musicoteca 2013 após o *download* do arquivo.

## 1. O emissor

O site Musicoteca foi fundado em 2003 pelo graduado em propaganda e marketing Web Mota, com o intuito de ser um blog em que ele pudesse expressar sua opinião sobre o que estava em voga no cenário musical brasileiro a época, sem distinção ou preferência de estilo. Ao passar do tempo, o conteúdo do blog passou a ser composto menos por artistas com influências das grandes gravadoras e mais por pesquisas musicais autônomas, com o auxílio dos leitores e colaboração de artistas independentes.

Atualmente a Musicoteca se define como um site que é um espaço para “conhecer e mostrar a nova música brasileira”<sup>8</sup>. Esse espaço é caracterizado por não definir rótulos, categorias ou ter “qualquer preconceito com a estética musical da nova geração”<sup>9</sup>. Essa característica pode ser observada pela variedade de estilos musicais dos artistas lançados.

Nesse site é possível saber mais sobre novos cantores brasileiros, muitas vezes ainda desconhecidos de grande parte da população por não terem contratos com grandes gravadoras. Estes artistas fazem parte do que chamam de “Nova Produção Independente” e a Musicoteca é um espaço de visibilização, pois é possível enviar seu disco e, assim, ter um espaço de divulgação de seus trabalhos no reconhecido site.

Essa Musicoteca virtual se caracteriza por, a cada lançamento de um novo artista ou CD, publicar um texto explicativo sobre o cantor, o trabalho, as músicas e as impressões que o autor do texto teve sobre aquele trabalho. Acaba-se transmitindo um caráter intimista, o que se adéqua a interface de blog do site (em que a notícia mais recente fica acima das mais antigas). Além do texto, é possível ouvir algumas músicas do artista diretamente no site e, se desejar, é possível baixar o conteúdo totalmente sem custo. Todas as obras disponibilizadas são gratuitas e autorizadas por seus autores.

Em uma das abas do site, é possível ter acesso ao “acervo” do site, na qual se tem todos os artistas por ordem alfabética, além playlists especiais e coletâneas. Essas coletâneas são organizadas pelo criador ou um dos colaboradores do site, com músicas e artistas variados, de acordo com a temática que é a inspiração para sua criação. É nesse espaço de coletâneas que surge o “Álbum Branco Musicoteca”. Comparando com outras, esta se diferencia não apenas pelo título, mas também por sua apresentação. Enquanto os outros álbuns possuem

---

<sup>8</sup> Disponível no release do site.

<sup>9</sup> Idem.

capas elaboradas, com fotos e ilustrações, este, a priori, possui apenas o nome “Álbum Branco” e o logotipo da Musicoteca. Além disso, todos os outros possuem a sequência das músicas, com seus nomes e artistas, sendo este álbum uma exceção.

## **2. A recepção**

O Álbum Branco Musicoteca pode ser acessado em qualquer parte do mundo, devido à facilidade de compartilhamento na rede. Entretanto, este álbum foi organizado para aqueles que já tinham o hábito de acessar o site com certa frequência, além daqueles que seguem as páginas oficiais do site nas redes sociais, *Facebook* e *Twitter*; o público para quem foi produzido é aquele que tem afinidade com os estilos musicais da produção independente, foco do site.

## **3. Conteúdo**

O álbum possui capa e treze músicas e foi disponibilizado para o público apenas em plataforma digital, no site Musicoteca. Algumas das músicas podem ser ouvidas antes de serem baixadas, mas não há uma listagem, pois este álbum se caracteriza pela falta de informações (títulos, numerações etc).

Esse álbum compõe o acervo da Musicoteca, estando entre as “Coletâneas Especiais Musicoteca” organizadas pelos colaboradores do site. Essas coletâneas são formadas por músicas de diversos autores/cantores, seguindo um conceito para a escolha das músicas. Todas as músicas e cantores contidos nas coletâneas fazem parte do acervo Musicoteca.

## **4. Canal**

Diferentemente de outros álbuns de música, este não possui versão física, com tamanho, peso e dimensão. Suas músicas e capa estão disponíveis apenas no meio digital, que pode ser adquirido fazendo download no site pelo link na página<sup>10</sup> do álbum. E, para se ter acesso às músicas, é preciso ter instalado no seu computador o programa WinRAR, que serve para compactar e descompactar arquivos, para que estes ocupem menos espaço e facilitar a transferências dos dados.

## **5. Código**

Como código, na capa do álbum, pode-se citar as cores (branco e laranja), o elemento visual, um símbolo e, por fim, o texto verbal, que também está visualmente inserido na

---

<sup>10</sup> Disponível em <<http://www.amusicoteca.com.br/?p=7593>>

capa. O que mais chama a atenção, porém, é a “lacuna” de informação visual em contraste ao que em geral se é produzido.

Em relação às músicas, tem-se o texto verbal, no qual o nome “Branco” está presente em todas as músicas, uma sendo diferenciada da outra pela quantidade de zeros a frente do nome. Também podemos perceber a ordem na qual elas se colocam. Mesmo que não haja uma sequência com números ordinais, pode-se perceber uma hierarquia das músicas (quanto menos zeros, mais acima está nessa hierarquia).

## **6. Mensagem**

- **Aspecto icônico**

Observando a capa do objeto apenas no “plano puramente sensorial e sensível” (Santaella, 2002), a primeira vista se tem o branco que compõe sua maior porção. Além do branco, há a cor laranja, que se destaca ao centro.

Além do branco, há um círculo laranja com alguma forma dentro, de modo bem centralizado na imagem. Logo abaixo se tem traços também laranjas que não seguem uma linha reta, sendo percebida uma gestualidade nesses traços. A composição tende a pesar mais para o lado de baixo, já que o círculo está centralizado e as formas logo abaixo dele.

A cor branca evoca uma atmosfera, um sentimento de calma e a laranja de algo vivo, que também lembra o dia; tanto o branco como o laranja se apresentam como cores chapadas, não possuindo sombras, ilusão de profundidade ou de dimensionamento de suas formas, não sendo possível, assim, identificar perspectiva.

O campo de referência do olhar se detém no laranja, por este foco de atenção não se dividir com outros elementos, podendo a cor branca até ser esquecida como componente do todo (principalmente se não houver algo que a destaque de um fundo também branco).

Inferindo-se que são músicas, no formato mp3, analisemos a forma elas são apresentadas quando se faz o download no site. Visto isso, pode-se perceber que elas se exibem em uma ordem, a primeira (a que está mais acima) é menos extensa do que a última. Todas elas apresentam elementos iguais, mudando a quantidade de um dos elementos. Portanto, elas se diferenciam apenas pela hierarquia sugerida, sem outros elementos que as individualizem.

- **Aspecto indicial**

O sin-signo é “essa a propriedade de existir, que dá ao que existe o poder de funcionar como signo” (Santaella, 2002). Estes signos emitem “sinais que estão prontos para significar, latentes de significação” (Santaella, 2002). Na imagem que representa a capa do

Álbum Branco, a cor branca dominante refere-se ao nome da coletânea em questão. Essa cor, nas associações do artista plástico e teórico moscovita Kandinsky, simboliza a possibilidade de que algo aconteça, o nascimento. Também significa “pureza (sem mácula), a alegria, o início e a eterna possibilidade – a esperança” (Barros, 2006).

Essa associação de Kandinsky está diretamente ligada com a proposta do álbum que foi descrita anteriormente, a de lançar os novos artistas (o nascimento, o início). Ademais, o organizador teve a intenção de deixar a música encantar por si mesma, que remete a “eterna possibilidade” e a “esperança” da cor branca de acessar o sentimento humano.

A utilização da cor branca chapada também demonstra a busca pela simplicidade e pelo minimalismo, já que não se utilizou nenhum padrão ou textura. Também se pode inferir que ao empregar essa cor, a capa não passa a ser um foco de atenção, deixando que as músicas “falem por si mesmas”, assim como não se sugere o clima ou o estilo do álbum, pois a não utilização de imagens faz com que o receptor não seja influenciado por uma primeira sugestão que uma possível imagem poderia transmitir. Assim, primeiramente, as concepções acerca da cor dominante são evocadas.

Essa opção estética remete a um movimento artístico (também) russo do início do século passado chamado Suprematismo. Identificada pelas suas formas geometrizadas e monocromáticas, a escola é considerada como de grande influência nas ondas cíclicas de minimalismo no design gráfico de massa. A relação entre este e o Álbum Branco pode ser explicada através da simples elucidação quanto ao título do movimento liderado pelo (contemporâneo de, de mesma nacionalidade e tão místico quanto Kandinsky) Kasimir Malevich. “Suprematismo” faz referência à supremacia do real sentimento artístico em detrimento do foco nas tentativas de representação visual dos objetos. Cor e forma, os elementos essenciais da produção artística visual, seriam a melhor maneira de se passar o sentimento sibilino da arte, uma vez que a sensibilidade em si era o mais relevante, independente de sua origem.

A outra cor utilizada, laranja, é uma cor quente, ativa, que, de acordo com Kandinsky, pode significar irradiação, expansão. Essa cor remete também ao próprio site Musicoteca, pois é a cor oficial do logotipo e é utilizada também na identidade visual do site. Pode-se dizer, então, que a utilização da cor laranja remete diretamente ao nome do álbum “Álbum Branco **Musicoteca**”. Em laranja também estão as palavras “álbum branco”. Estas se assemelham em relação à cor, mas se distinguem quanto a forma como são apresentadas. O logotipo, por exemplo, está centralizado em relação ao quadrado branco da capa, ele tem suas curvas e



formas definidas, enquanto as palavras possuem formas mais soltas, que imitam a grafia humana.

O logotipo tem características que indicam que é um elemento gerado por computador, enquanto a tipografia quer se assemelhar à caligrafia humana; “assemelhar” porque, apesar de parecer com a grafia de uma pessoa, não há outros indícios que afirmem isso, como textura, sombra etc, deixando aberta a possibilidade de ser uma simulação. Tomando como base um eixo reto que transpassa as duas palavras, percebe-se que elas não estão escritas em linha reta, havendo uma leve inclinação, onde a palavra “álbum” começa mais abaixo do eixo e a palavra “branco” termina mais acima, como mostra a imagem a seguir.



Figura 3: Foi traçado um eixo reto pelas palavras, que indicou a inclinação destas.

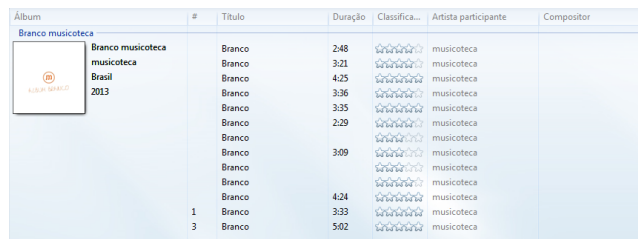
Essa forma como se apresenta as palavras, sugere a gestualidade da escrita, em que uma pessoa destra tende a começar a escrever mais abaixo e acaba subindo, não obedecendo a um eixo reto correto. Por isso e por não estarem centralizadas, mas sim abaixo do logotipo (este sim centralizado), se aparenta que as palavras foram escritas na capa à mão, como se sua escrita não estivesse previamente planejada.

Para alguns autores de semiótica, uma obra é o resultado de seu texto somado ao seu paratexto, que, de acordo com Gérard Genette, é um texto que compõem a periferia de um texto: título, nome do autor, indicação de gênero etc. Sob essa ótica, há o processo em que o signo se torna significado de um signo novo ou, conforme Volli, um metassigno. Estes tem o papel de indicar o caminho de como a mensagem deve ser interpretada.

Nesse álbum, entretanto, quando se está analisando como as músicas são apresentadas (sem numeração de faixa ou titulação), sente-se falta desses metassignos. Os paratextos disponíveis, a palavra “branco” em todas as músicas, aparentemente não possuem a capacidade de complementar a sua significação. Ademais, também não é identificado o intérprete ou o compositor, o que deixa o signo desprendido de seus metassignos originais.

Sem o acesso a esses elementos que compõem a periferia textual das músicas, não é possível se chegar a uma tradicional assimilação completa de suas significações originais, aquelas que foram construídas em suas constituições. Entretanto, como essas músicas estão inseridas em um contexto totalmente diferentes, é possível inferir outros tipos de significação.

Hipotetizemos: caso alguém que não tem qualquer conhecimento sobre o álbum em questão, não teve nenhum contato com o site ou com outras coletâneas do site, mas tem consciência de como um álbum de música se comporta quando baixado da Internet ou gravado do CD para o computador ou notebook tivesse acesso ao Álbum Branco Musicoteca em um reprodutor de música instalado (como o exemplificado na figura abaixo), ela poderia estranhar, achando que há algum erro com os nomes; poderia achar também que “Musicoteca” é um artista, ou uma banda que é responsável pelo álbum. Porém, depois de ler o título do álbum, ela poderia chegar à conclusão de que os nomes das músicas foram propositais. É possível a ele também constatar que essa coleção se compõe a partir músicas brasileiras (não necessariamente em português) e que o ano de lançamento foi 2013. Se ele começar a ouvir o referido álbum, provavelmente perceberá que as vozes contidas nas faixas são variadas e, sem o repertório para conhecer artistas que produzem músicas de forma independente, grandes são as chances de que não conseguirá identificar seus autores.



Álbum	#	Título	Duração	Classifica...	Artista participante	Compositor
Branco musicoteca musicoteca Brasil 2013		Branco	2:48	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	3:21	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	4:25	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	3:36	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	3:35	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	2:29	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	3:09	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	3:09	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	3:09	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
		Branco	4:24	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
	1	Branco	3:33	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	
	3	Branco	5:02	🎵🎵🎵🎵	musicoteca	

Figura 4: Print da execução do álbum em um computador

Se existem diversas músicas com o mesmo nome, em um mesmo álbum, este álbum composto por artistas variados, estes não possuindo vozes conhecidas no cenário musical mainstream brasileiro, a diferenciação das faixas é bastante dificultada. Se não fosse pela sequência em que elas se apresentam (que é automática no programa) ou suas durações, seria mais difícil. Outro fator significativo é que, em três músicas não há a especificação de suas durações, o que as deixam sem outro paratexto.

Essa supressão de paratextos causa estranhamento. É como se todas as pessoas de uma família morassem na mesma casa e tivessem o mesmo nome: essas pessoas se diferenciariam por suas características físicas, como as músicas se diferenciam por suas letras, composição, melodia etc., entretanto não seria possível “chamar” por essas pessoas. Seria necessária uma maneira para a diferenciação desses familiares, como aconteceu com as músicas, quando as classificamos de acordo com sua ordem de apresentação e o tempo de duração de cada. Portanto, é possível concluir que um metassigno se faz útil e se quando

apresentado este não se faz suficiente, há a necessidade de classificação e diferenciação através de outros elementos.

Conforme Santaella, “para agir inicialmente, o signo deve ser considerado no seu aspecto existencial como parte de outro para o qual o índice aponta e de que o índice é uma parte”. (Santaella, 2002). Signos como índices estão aptos a provocar um interpretante dinâmico – energético, no qual se exige um gasto de energia de alguma forma (física ou mental). Como articula Santaella:

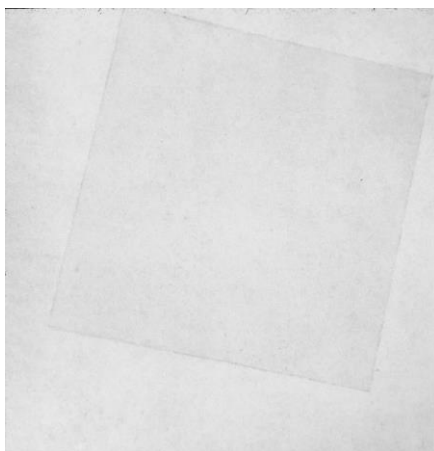
O segundo efeito significado de um signo é o energético, que corresponde a uma ação física ou mental, quer dizer, o interpretante exige um dispêndio de energia de alguma espécie. Índices tendem a produzir esse tipo de interpretante com mais intensidade, pois os índices chamam nossa atenção, dirigem nossa retina mental ou nos movimenta na direção do objeto que eles indicam. (Santaella, 2002.)

O Álbum Branco Musicoteca também pode funcionar como um índice visto que ele aponta para outros álbuns já existentes no âmbito musical. Em 1968, o quarteto de Liverpool lança o LP “The Beatles”, popularmente conhecido como The White Album (O Álbum Branco), em razão da capa, na qual só havia o nome “The Beatles” em alto relevo num fundo branco e, além do número de série, nada mais. Já no Brasil, em 1969, Caetano Veloso lança o disco que ficou conhecido como “o disco da assinatura”, que também possui seu fundo totalmente branco, mas se diferenciando por conter a assinatura do artista.

Vale a pena levantar o contexto do lançamento dos dois álbuns citados: os minimalistas “The Beatles” (1968) e “Caetano Veloso” (1969) vieram exatamente depois de “Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band” (1967) e “Caetano Veloso” (1967) (além de “Tropicalia ou Panis et Circencis”, de 1968, que possui a participação de Caetano), respectivamente. Os três últimos álbuns citados são marcos do psicodelismo e do tropicalismo, movimentos artísticos caracterizados, no design e na arte plástica, por sua profusão visual: cores fortes, exagero de elementos, alta saturação etc. Ou seja: os “álbuns brancos” citados possuem muito de seu significado atrelado ao fato de virem logo após estes. Eles rompem com o tratado visual de uma época, assim como fez o supracitado suprematismo; do mesmo e de outros modos, o Álbum Branco também o faz.

Movimento que floresceu durante a revolução, o suprematismo pregava a separação da arte da representação, da ilustração da “realidade”, chegando-se ao senso de liberdade da não-objetividade. Como dito, o importante era o sentimento genuíno, a sensibilidade artística revelada na produção. Nesse contexto, os álbuns em questão lembram muito uma das

clássicas obras dessa corrente, “Quadrado branco sobre fundo branco” (1918), de Malevich. Na década seguinte, a abstração seria coibida pelo Estado Russo.



"Quadrado branco sobre fundo branco" (1918)

É preciso que o conhecimento das obras acima citadas faça parte do repertório cultural do intérprete, para que haja ativação do espaço mental e a associação e, assim, o efeito energético se tornar possível.

Considerando novamente uma pessoa que está tendo seu primeiro contato com o Álbum Branco Musicoteca, e ela possui repertório cultural para relacionar o nome com os álbuns dos Beatles e do Caetano Veloso, ela pode conferir algumas das características desses álbuns que ela conhece para o novo.

O álbum The Beatles insere-se na fase em que há uma maior maturidade de expressão e de pensamento da banda. Esse álbum pode ser considerado o trabalho mais heterogêneo do quarteto, pois nele se encontra trabalhos que vão de canções líricas e melodiosas até faixas agressivas e tensas. Já o álbum de Caetano Veloso, lançado em 1969, é uma homenagem ao disco dos Beatles, no qual foi produzido no contexto da Ditadura Militar brasileira, no período que antecedeu o exílio do artista em Londres. Este trabalho de Veloso também revela aspectos heterogêneos nas faixas, misturando melancolia e agitação.

Após essa assimilação de conteúdo, é provável que o contato da pessoa com o Álbum Branco Musicoteca se modifique, pois ela pode estabelecer semelhanças ou diferenças com um dos dois álbuns precursores ou com ambos. A diferenciação pode vir claramente da quantidade de artistas que compõe a coletânea Musicoteca e de como as faixas são apresentadas nesta última. A semelhança pode vir pela heterogeneidade das canções.

O rompimento no caso da coletânea não para no visual, porém. O fato do álbum não possuir informações sobre as faixas revela uma antítese de outra vertente. Se este e os dois álbuns citados como referência (assim como o movimento suprematista) se opõem plástica e

visualmente ao que lhes antecede, o Álbum Branco Musicoteca também levanta a questão da comunicação. Ele opta por não dar mais informações na era de maior acesso à esta, na era em que esse “acesso” é quase imposto, na era em que os dispositivos de audição de música muitas vezes são os mesmos usados para pesquisa e exploração.

É possível fazer diversas análises levando-se em conta toda essa rica cadeia de associações, entretanto, o interpretante final é um almejado, porém nunca alcançado, como explana Santaella:

O terceiro nível de interpretante é o interpretante final, que se refere ao resultado interpretativo a que todo intérprete estaria destinado a chegar se os interpretantes dinâmicos do signo fossem levados até o seu limite último. Como isso não é jamais possível, o interpretante final é um limite pensável, mas nunca inteiramente atingível. (Santaella, 2002).

- legi-signo:

Para iniciar o aspecto símbolo, recorramos a Santaella:

Se levarmos em conta a propriedade da lei como fundamento do signo, estaremos pondo ênfase nos aspectos culturalmente convencionais do signo. Se, em si mesmo, o signo é um legi-signo, na relação com o objeto ele será um símbolo que é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como representando um dado objeto. (Santaella, 2002).

O Álbum Branco Musicoteca pode ser interpretado com um representante de um álbum musical por que ele é constituído por um conjunto de canções que tem algum tipo de correlação, que foram lançadas juntas em um formato de áudio para o público. O álbum organizado pela Musicoteca não perde sua característica de álbum, pois, com a evolução da tecnologia, é possível lançar um álbum em diversas mídias diferentes, desde o CD até em arquivos MP3. Esse álbum também pertence ao âmbito das coletâneas, pois ele é constituído por músicas selecionadas de diferentes outros álbuns, podendo estes serem do mesmo artista ou não. No caso do objeto de análise em questão, é composto por diversos artistas, mas a sua peculiaridade é não possuir referências de quais são.

Desassociando os elementos que compõem o álbum, tem-se a capa e as músicas. A primeira pode ser definida como tal por ter a característica de representar visualmente o todo, como é acontece em outros álbuns, principalmente se é um que não tem componentes físicos, está apenas no “mundo virtual”. Ademais, a capa possui o nome e a marca do organizador da coletânea, que são importantes componentes que simbolizam o álbum como um todo. Quanto às músicas, é possível identificá-las como tal pelas combinações de ritmo, harmonia

e melodia, sua organização temporal de sons e ruídos. Ela é transmitida por meio de instrumentos musicais combinados com a voz.

Podemos falar que este álbum simboliza uma nova forma de se consumir música, dado o declínio do consumo de CDs físicos e a ascensão do consumo via internet. Cada vez mais empresas especializadas em vender ou disponibilizar música gratuitamente, como é o caso da Musicoteca, ganham espaço; o hábito das pessoas de recorrer à Internet para se consumir música, seja de forma gratuitamente ou paga, é crescente.

### **Conclusão**

Para este trabalho, com base nos estudos de Santaella, guiados pela metodologia de Peirce, e como objeto o Álbum Branco Musicoteca, foram exploradas composições resultantes das relações dos signos em si, com seus objetos e interpretantes, na sua referência àquilo que ele indica e os efeitos possíveis que podem causar em seus receptores.

Em relação à coletânea, esta chamou atenção por não apresentar os nomes das músicas e nem de seus cantores, além do seu nome e da referência anunciada. Esse formato de apresentação demonstra uma quebra de padrão, que foi intencional ao se publicar o álbum, pois como estariam exercendo um papel de *teaser*<sup>11</sup> do que viria durante o ano, acabou gerando estranhamento e curiosidade, resultando, por parte dos leitores, na pesquisa pelos donos das vozes e também na expectativa pelos próximos lançamentos do site.

Após a realização deste trabalho, tornam-se mais compreensíveis alguns conceitos propostos por Peirce e é possível perceber que a análise semiótica permite transcendermos o olhar superficial com o qual enxergamos as mensagens diárias e que tudo pode significar, mesmo que seja algo branco, mesmo quando não se quer significar.

Tudo é capaz de produzir um efeito no intérprete, este sendo responsável por até que nível do signo ele irá explorar. Através de uma propedêutica baseada em recortes temporais e de uma análise crítica, a “lacuna” do branco e da falta de créditos pode acabar como um elemento de significação. O rompimento causado por estas opções estéticas acaba por fomentar uma reflexão em relação aos modos que consumimos música e informação na contemporaneidade.

Entretanto, não é possível chegar de fato ao terceiro nível do interpretante, o interpretante final, pois na análise semiótica sempre há algo a mais que pode se tornar um fenômeno, ou seja, aparecer à percepção e à mente humana.

---

<sup>11</sup>Recurso da publicidade para estimular a curiosidade do público em relação a um anúncio, uma campanha etc., que só depois se farão conhecidos.

## Referências

ARAÚJO, R. C. Resenha de GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. Disponível em <[http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num-10/resenhas/palimpsesto10\\_resenhas01.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num-10/resenhas/palimpsesto10_resenhas01.pdf)>. Acesso em 15 de dezembro de 2013.

BARROS, Lilian Ried Miller. **A cor no processo criativo: um estudo sobre a Bauhaus ea teoria de Goethe**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

FLORES, Marcelo. Blog **Sibila: poesia e crítica literária**. Disponível em <<http://sibila.com.br/critica/o-album-branco-dos-beatles/3094>> Acesso em: 14 de dezembro de 2013.

MALEVICH, Kazimir. **Dos novos sistemas na arte**. São Paulo: Hedra, 2007.

MALEVICH, Kazimir. **From Cubism and Futurism to Suprematism. The New Realism in Painting**. Londres: C. Harrison and P. Wood, 1990.

NUCCI, A. Ao Quadrado Preto - A **passagem da figuração à abstração no trabalho de K. Malévitch**. São Paulo, Unicamp, 2006.

POETSCH, Guilherme Gonçalves. **Blog Direitos Autorais**. Disponível em <<http://direitosautorais.blog.com/evolucao-tecnologica-e-o-consumo-de-obras-musicais/>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2014.

SAMPAIO, Marcos. O Povo. Disponível em <<http://blog.opovo.com.br/discografia/musica-em-cores-o-album-branco-do-caetano/>> Acesso em 14 de dezembro de 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo, 2002.

**Tecmundo**. Disponível em <http://www.tecmundo.com.br/infografico/30658-a-evolucao-do-armazenamento-de-musicas-infografico-.htm> Acessado em: 14 de dezembro de 2014.

VALENTE, H. A. Duarte. **Os cantos da voz: entre o ruído e o silêncio**. São Paulo: Annablume, 1999.

VOLLI, UGO. **Manual de semiótica**. Edições Loyola, 2007.